

A Cidade de Ytú

ORGAM DO PARTIDO REPUBLICANO

EDITOR--GERENTE JOÃO PERY DE SAMPAIO

ANNO IX	ASSIGNATURAS	YTU, 13 de Outubro de 1901	PUBLICAÇÕES	N. 588		
	Cidade, anno.....		12\$000		Secção Livre, linha.....	\$200
	Fóra, anno.....		14\$000		Editaes, linha.....	\$300
	ESCRITORIO—RUA DA PALMA, 56				OFFICINAS—RUA DA PALMA, 56	

CLINICA MEDICO-CIRURGICA DO DR.

Graciano Seribello

CONSULTORIO E RESIDENCIA :

Rua do Carmo n. 17

YTU'

"A Cidade de Ytú"

Com a iluminação

A iluminação definha ; sua luz amarelada tem os symptomas do ultimo alento.

Implora aos noctivagos um olhar de benevolencia. A' todos os municipes o perdão para suas involuntarias culpas.

A luz de alguns lampeões bruxolea indecisa, vacilante. Pende, ora para um lado, ora para outro, e por falta de amparo teme-se de um vento mais forte ; uma rajada a prosta, a extingue, a elimina. As trévas invadem o local.—E' a eterna luta.—O Bem e o Mal.

Amortalhada com o crepe da fumaça, vae fenecendo de par com seus administradores ; e qual fakirs, espera ser despertada da letargia hypnotica em que jaz, quando uma outra edibilidade cogitar de sua existencia.

SENHORES do governo municipal, precisamos de luz :—Muita luz !...

Z. F. Rinadas



D'antes, quando eu era pirralhinho, (quantas dezenas de annos já lá vão!) ouvia aquelles moleques destorcidos d'esse tempo, dizerem que nada ha mais expressivo, de que a linguagem dos olhos, na sua mudez.

Eu que então não pescava patavina do riscado, ria-me sósinho, chrismandos, de reverendissimas bestas, e outros epithetos de baixo calão, que eu conhecia.

Não póde, não é possível, que isso seja assim, ruminava eu ; estes lorpas querem me *impuiar* assim sem mais nem menos ; com esses ares de muito boas pessoas.

Os tempos passaram-se, e eu então comecei a comprehender o riscado do pinho, porque uma scentelhasita de amor

no meu pensamento, já modificado d'essas paixões da mocidade que lá se foi, e vamos ao que me deu assumpto para rabisbar estas tiras pobremente denominadas—Z. F. Rinadas, e por outros chrismandos de—*Francellinadas*, como se Francellino mettesse o nariz n'ellas.

Coitado ! Deus perdõe-me se eu chegar a ser causa d'elle entrar em dança por causa d'esta secção, consagrada á critica, sem jamais fctar offender quem quer que seja, pois que esse nunca foi o meu intento, porque tendo eu telhado de pedra, não quero atirar vidro no telhado do visinho.

Um dia, fui assistir ao interrogatorio de uma das testemunhas que fazia carga sobre os accusados ; e lá no meu cantinho de observador que nada perde, bispei um moço de oculos, a fazer telegraphia de olhos para essa testemunha quando ella depunha ; o que a collocou na dura necessidade de usar de mais de dez duzias de retencencias.

Além das olhadellas amorosas do nosso homem, fazia tambem elle umas sinalephas com a dextra collocada na bocca, assim a modos de jogador de truque, quando quer dar a conhecer ao seu parceiro, que tem em mãos o *quatro de*

idolo desafiando e encantando os incredulos.

Quem deixaria, de amal-a, si em seus olhos brilhavam lampejos de amor, e em seus labios o riso seductor ?

A noite, caminhava e a lua era fonte perenne de luz.

No meio dessa confusão, em que encantado, não sabia a que volver as vistas, si á terra silente, si ao infinito estrelado ou si aos dotes esplendorosos da natureza.

Eu, nessa noite, esqueci-me completamente, de todas essas sublimidades, porque nos salões, estava uma donzella que erguera um altar em meu peito,

Eu, solitario mendigo, fatigado pelo agror da existencia, recuperei as forças.

Haydéa, cujos olhares, deram-me a petulancia de fitar o seu semblante, cujo repertorio era o mais dilecto.

Passára a noite. Os primeiros signaes da aurora, annunciavam-n'a.

Chegára o momento mais difficil, o da despedida.

Eu e ella, reconhecendo cada um de

vencer as distancias ; recuam, reanimam se, e voltam com esforço ingente ; distendem os raios, não alcançam os locaes em trévas ; espavoridos voltam ; estacionam em pequeno circulo ; e depois... o completo esquecimento. Illumine quem puder.

Outros ha, que envergonhados, agacham-se por detraz da taipa de fumaça sobre os vidros, e de lá, despejam... tons de luz patibular.

Outros mais, encobertos pelo negror das chaminés, parecem a alma incarnada de Cam :—O escravo dos escravos de seus irmãos.—Percebe se que estão accessos, porque os orificios superiores e inferiores denunciam luz ; mas, ao redor, tudo trévas.

Mais adiante um poste, invocando um fóco que esparja luz.

Ainda além, um poste desaprumado, torto ; luz estrabica, embaciada, distendendo seus raios para o lado esquerdo, em sentido obliquo ; ao encontrar o anteparo, volta em angulo obtuso, conduzindo nos microbianos lampejos, tons sepulchraes.

Mais longe ainda, e finalmente, depois de percorrer um longo espaço, depara-se um ou outro lampeão, attestando que nem tudo está perdido. Esses poucos, são os esquecidos, são os abandonados pelos edis. O brilho de suas luzes, attesta independencia. Livres do jugo administrativo, ostentam galhardamente :—Luz fecunda, luz fulgurante !...

A iluminação publica, na actualidade, é a reflectora da incuria do governo municipal ; e condemna, no seu bruxolear silencioso e taciturno, o roubo que se lhe faz do brilho a que tem direito, empregando-se as rendas do erario, na recompensa de *imaginaris serviços*, em lugar de vestirem-n'a e manterem-n'a convenientemente.

Uma menina toda em uma tranquillidade, de indifferente as coisas amorosas, e ahi, verificuel que os moleques de outr'ora, tinham carradas de razão ; porque eu tambem, com os meus areinhos de criança que não é capaz de quebrar uma chicara, mas, que despedaça sem mais nem menos o louçame inteiro de uma casa ; senti vontade de telegraphar com os olhos, tudo o que me ia n'alma ; tanto de prazer, como de tristeza ; e o caso é que a menina, a tudo ou quasi tudo comprehendia, como si n'elles, estivesse escripto tudo quanto eu sentia e queria.

Contava-lhe meus pezarés, e ella tambem respondia-me com a mesma linguagem :—Tem esperanças, não desanimes por tão pouco ; eu tambem soffro o que tu soffres, e no entanto, estou resignada ; e um sorriso angelico, uma faisca que vinha dominar todo o meu ser, restituia-me a alegria e o prazer.

Outro dia então, era ella que se mostrava pesarosa, triste e meditabunda ; então os meus olhares, iam como mensageiros do amor, segredar-lhe aos ouvidos, coisinhas taes, que em pouco tempo, ella sorria-me como que agradecendo as esperanças que eu lhe enviava, na muda expressão do meu olhar apaixonado.

A tal menina um dia deu com os costados n'um convento, lá para as bandas do norte, e eu fiquei viuvo d'essas esperanças ; mas, sempre acreditando, na linguagem dos olhos ; e sempre empregando ella em todos os casos que eram necessarios, até que um dia, depois de tantos desenganos, condemnei-me ao celibato ; e até hoje, se ainda não sou padre ; é por faltar cobre com a qual compre uma batina ; e pague ao barbeiro para me fazer a corda.

Mas, deixemos d'estas considerações, e d'esses tempos que já vão longe, o do qual se vagas reminiscencias, conservo

a coisa, e se não fosse a providencia que foi tomada por quem de direito, palavra que eu apitava ; ora se apitava !

Isto, eu julguei que foi só eu quem vio ; porém, muitas pessoas notaram ; e commentaram largamente.

Ora, está portanto mais que justificado, que os olhos, na sua muda expressão muito dizem ; e fazem até se conhecer, quem tem lombriças.

Z. F. RINADAS

Em tempo :—Os olhos muito dizem, portanto.

Addendo :—A coisa está em saber dar a expressão necessaria, porem.

O MESMO.

Haydéa

(Ao Alfredo Pedro de Moraes)

No labyrintho da vida, ha momentos em que a recordação do passado, confunde-se, fazendo-nos esquecer as agruras do presente e os projectos do futuro.

A noite era de Maio, o céu cheio de otherea luz, a terra na orgia da mais condemnavel devassidão.

Envolvido, no fulgor da dança, tive a felicidade inaudita, de ver os seus olhos, as pupillas de Haydéa, aquella que devia captivar-me apaixonadamente.

Haydéa, cujo rosto, envolvia em si, um conjuncto de preciosidades cada qual de mais valor.

O seu primeiro olhar, foi o inicio do meu amor, o seu primeiro riso a base da minha paixão.

E quem deixaria de amal-a ? um

amante do sincero amor.

Ella, como que, num rasgo de desespero, levou a minha mão ao peito affirmando de que eu sentisse, o que o seu amago sentia.

Eu, captivo qual bardo solitario, no meio das trevas, só tive o animo de pronunciar uma palavra, que infallivelmente feriram as fibras do coração de Haydéa, palavra que resumia em si o voto mais sagrado do amor.

Adeus !—e de seus olhos brotaram duas lagrimas que deslisaram vagarosamente pela sua face.

—Porque choras ?—disse-lhe eu—Porque vou partir ?—

—Não, estas lagrimas, é a pura confirmação do meu amor.

—Pois bem, se tuas lagrimas confirmam o teu amor, o meu adeus garante-te um lugar em meu peito.

Era á hora da partida, trocamos um olhar, e permutamos um adeus.

E hoje, no refrigerio da vida, parece-me ouvir, aquellas phrases amorosas, ditas por Haydéa, parece me ver os seus olhos despendeudo, lampejos de amor, e a sua mão de par á minha, dizer adeus ! 5—Maio—1900.

J. B. FIGUEIRRO.

BIÈTE POSTA

Ilustração só nho dotó Xico

Oje tó mermo um alegrão disgraciouado e cumo não haverá de tá ; tó me alembrando do bão tempo em que nós tava de riba e dava as carta aqui.

E' verdade que vancé iuda tá lá no seu São Polo, mais duas da sua família já tão aqui ; sua casa tá cum tudas janela aberta e a gente de nós tá só passando p'ra frente dela p'ra mórde nho Godo cum qho

SEM TITULO

(A' uma Viscondessa)

Já não posso amar-te com loucura
Porque tentas ainda castigar,
Minh'alma despida de ventura
Que vive num completo soluçar !

Entendes mulher, que a formosura
Não póde ser nunca maculada ?
Olha mulher, esta flôr tão pura
Como está tão secca e desfolhada !

Tu és bella, sim, eu não contesto...
Mas, tu tens um coração de pedra !
Tens uma alma fria, e mauifesto,

Mulher, p'ra ti a minh'alma é morta,
Crea que em meu peito amor não medra,
Não t'amo, és bella, rica, qu'importa ? !

S. Paulo.

LUIZ GABRIEL DE FREITAS.

DORS, MON ENFANT

Como poisas socegado
Co'esse somno de innocencia ;
De uma sorte rigorosa
Tu não sentes a inclemencia.

Teu peito de amor isempto
Respira cheio de calma ;
Paixão, cuidado, ciumes
Não perturbam a tua alma :

Sem contar inda um passado,
Do futuro não cuidadoso,
Tu destructas o presente...
Quando assim és venturoso !

Praza aos céus nunca se finde
De candura esse viver ;
Sejam longos os teus annos,
Sempre cheios de prazer.

subir; outros querem comer; outros
querem adular; outros esperam fregue-
zes para os seus negocios; outros aspi-

Formação de culpa.—Na segunda-
feira da semana finda, começou, perante
o dr. juiz de direito da comarca, a
formação de culpa, sobre os aconteci-
mentos de 14 de Janeiro de 1900.

Escorrel, e por parte
dos queixosos, o dr. Jose Alves dos Santos.

Está servindo como escrivão o tabel-
hão Porto, visto o respectivo official
achar-se impedido, por ser testemunha.

Hospedes illustres. — Acham-se
nesta cidade, hospedadas com o nosso
particular amigo capitão Francisco Pe-
reira Mendes Netto, a exma. sra. d.
Anna Carolina Pacheco Jordao, viuva
do nosso saudoso conterraneo dr. Elias
Fausto, sua filha d. Edith, d. Carolina
de Assis Pacheco; d. A. de Sampayo
Marinho e o dr. Geraldo Pacheco Jordao,
acompanhado de sua exma. esposa.

—Vindos da capital, tambem estão
nesta cidade, a senhorita Maria Emilia
Pereira Mendes, e o alferes Edgardo
Pereira Mendes, filhos do nosso amigo
Pereira Netto.

—Com o fim de acompanhar a forma-
ção de culpa, sobre os acontecimentos
de 14 de Janeiro de 1900, tem estado
aqui ha dias, o dr. Manuel Constantino
de Oliveira Escorrel, um dos luminares
da nossa Academia de Direito da capital,
onde occupa a cadeira de lente cathed-
ratico de Direito Criminal.

S. exa. é advogado dos nossos amigos,
que foram envolvidos nesses aconteci-
mentos.

—Com o mesmo fim, tambem acha-se
aqui ha dias, o dr. José Alves dos
Santos, proecto advogado no fóro de
Cajuru; e patrono dos queixosos.

—Chegou no domingo ultimo, o nosso
presado amigo Candido Galvão, um dos
querelados sobre o 14 de Janeiro.

A todos, a Cidade de Ytu compri-
menta, apresentando lhes as boas vindas.

Dr. Eloy Chaves.—A nossa sym-
pathica collega A Folha, estampou na
sua pagina de hora, no numero de
domingo ultimo, o retrato do nosso dis-
tincto amigo, intelligente advogado e
proecto educador, dr. Eloy de Miranda
Chaves, director do importante «Collegio
de S. Antonio», de Jundiaby, e advogado
no fóro daquela comarca.

Zé vé que nós tamo chato qui nem ca-
rapato; ansim sim, eu bein dizia que
vancê não havia de largá ansim em dois
tirão esse some. Disque vancê se meteu-
se no simbruio e é até o fim p'ra mórde
vé in que dá. Vancê tá lidaudo otra veis
p'ra botá o some do baruio no xadreis,
fais bem nho dotô, vancê sabe mió que
eu que os curpado fumo nós, p'roque si
nóis não ovesse provocado oselle tavam
quieto, mais se ade morré eu, que morra
meu avô difunto falcido que Deu o guar-
de; ansim nho dotô, bóte inergia cum os
ome, ué então, cumigo é nove, o mé ó
cêra o pau da abeiera.

Gostei de vancê mandá otra veis p'ra
cá uho dotô xingadô, aquillo que é ome,
cuando elle sóbe no purpio e garra de
pouhá fallação, e xinga osotro dexa tudo
raso, p'ra arranjá ta tistimunha elle é
quera, nem um padre não incina tão bom
o padre nosso p'ra nós, os tar vão afiado,
que é só dá corda e sortá que oselle são
até capais de até imitá a careta de seu
dotô; eta lá gente boa, iço que é não té
incunciencia.

Ovi dizê que o dotô do proçoço qué
apurá a verdade e vé quem são os cri-
minoso e os cabeça do baruio, p'ro
mórde iço eu le peço p'ra vancê arranjá
iço por lá, p'roque sinão nós tu lo tá per-
nido.

Vancê sabe que si eu me meti-me nos
baruio foi p'roque os ome de vancê
diceram que não avia perigo p'roque
vancê era quem mandava até nos ome da
gubernação, agora vancê em veis de
tá muntado uoselle, tá sendo muntado,
e eu p'ra falá verdade, não quero í p'ro
tria, é mió tirá sipó.

P'ra mórde vancê se alembra das proe-
sa do dotô de vancê le mando este verso
que é dos pedaço que elle incinô p'ros
ome que furam depó.

Neste causo não me rio
Que é causo muito serio,
Foi de bala um churrio...

dimiradô de vancê
NECO FERREIRA.

O mexericão

O mexericão que hoje nota-se nas
diversas camadas sociaes; as chocalices
que empregam os desoccupados para
enredar á uns e outros; o pessimo cos-
tume de muita gente encommodar-se
com a vida alheia sem se importar da
sua propria, é a predominante nos nossos
dias, em que parece que a civilisação
foge dos centros populosos para ceder o
seu lugar á degeneração dos espiritos
pequenos e actos para todas as malda-
des possiveis.

Se um moço honesto e laborioso con-
tracta o seu casamento com uma moça
tambem honesta e de boa familia, já
apparecem os novelleiros e as exmas.
novelleiras que se encarregam de diffa-
mar o noivo e a noiva para que tal
enlace não se realise.

Os nomes das moças e dos moços
solteiros, estão constantemente vibrando
nas ferinas linguas dos maldizentes como
se fossem simples cordas de um desafi-
nado violão.

Aqui, alli, nos bilhares, na porta da
egreja, nos cafés, nas lojas, nos arma-
zens, em toda a parte, á toda e qualquer
hora, chova ou não chova, faça sol ou
não faça sol, almoçados ou sem almoço,
o mexericão ferve a bom ferver como
uma caldeira em forte fornalha.

A politica é alvo mais predilecto do
mexericão. Falla nho Tô, falla nho Pan,
falla nho Xicú, fallam todos, afinal, e a
conclusão é a seguinte:—uns querem

O mexericão envia os seus agentes
por toda a parte a fim de convencerem
aos povos que o partido de baixo vai
licar de cima, e que o de cima vai
licar de baixo.

Pobre gente! Quanta ingenuidade e
quanta bobice.

Irão mesmo para cima aquelles que
presentemente estão de baixo.....
Da consciencia e do juizo publico?

Subirão sem escadas aquelles que
desceram fulminados pelo raio extermi-
nador pelo facto de enxovalharem a di-
gnidade social?

Entretanto, o mexericão pelas boccas
dos sacrosantos satellytes dos senhores
possuidores do ouro, bradam á tórto e á
direito que hão de subir e esmagar os
seus adversarios!

Pobre gente! Lastimaveis servos!

E o mexericão continua sempre can-
tando sem acompanhamento e sem
harmonia!

*Mexericus et mexericorum est in anima
stultorum et boborum!*

Amen!

Ytu,—11—10—901.

CATILINA.

Noticiario

Domingos de Paula e Silva.—Em
exercicio das funções de inspector
escolar desta zona, acha-se nesta cidade
o sr. Domingos de Paula e Silva.

A seu cargo está confiada a reorgani-
sação do Grupo Escolar «Dr. Cesario
Motta».

Cumprimentando o, desejamos que
sua commissão especial tenha ultimum
no mais breve prazo possivel.

Grupo Escolar «Dr. Cesario
Motta».—Estamos informados de que,
em breves dias, serão iniciadas as
obras de adaptação do predio proprio do
Estado, passando as aulas á funcionar
provisoriamente no edificio do extincto
Grupo «Dr. Queiroz Telles», cedido ao
Governo PELO SENADOR DR. JORGE TIBI-
RIÇÁ.

«Correio do Jahú».—Na quinta-
feira ultima completou o seu 7º anni-
versario, este nosso distincto collega
que se publica na prospera cidade do
Jahú, sob a habil direcção do nosso
illustrado collega tenente Joaquim Au-
gusto Viégas, tendo como seu redactor-
secretario o sr. R. Braga.

Commemorando essa feliz data, {vem
estampado na sua pagina de honra, o
retrato do seu redactor J. A. Viégas.

A Cidade de Ytu, jubilosa compri-
menta-o.

Joaquim Luiz.—Acha-se nesta cida-
de, á serviço do «Commercio de S. Paulo»,
do qual é representante, o nosso inter-
merato collega da imprensa Joaquim
Luiz da Silva Lopes.

Comprimntamol-o.

Fallecimento.—Victimado por longa
e pertinaz enfermidade, falleceu em
Campinas, na quinta-feira ultima, o te-
nente-coronel Reducino Xavier Bueno
da Silveira, fazendeiro em Jundiaby,
onde gosava de geral festima.

O finado que dispunha de grande in-
fluencia politica em Jundiaby, pertencia
ao partido *Moraesista*, tendo sido por
varias vezes eleito vereador, e occupara
varios cargos de confiança politica.

A' sua familia e ao partido *Moraesista*
de Jundiaby, A Cidade de Ytu envia sen-
tidos pezame.

OUTRO.—O nosso estimado collega d'O
Correio do Jahú, sr. Joaquim Augusto
Viegas, passou pelo doloroso transe de
perder a sua innocente filhinha Cotinha.

Nossos sentimentos.

Espectaculo.—Hoje se o tempo
permittir, haverá espectaculo touroma-
chico, no circo erecto no quintal do
Carmo, com entrada pela rua dos Col-
legios.

Consta-nos que serão farpeados bra-
vissimos touros.

Como ha muito não temos tido esse
genero de divertimento, é justo que o
publico concorra a elle.

«Commercio de Ytu».

suspendido a sua publicação, em vista
das continuas perseguições movidas
pelos autoritarios *Rolistas*, daquella terra.

Agora que Iguape volta á uma nova
phase ne paz e tranquillidade, permitta-
nos o collega, que felicitando-o pelo
seu reaparecimento, cumprimente
tambem a honesta população iguapense.

«O Janota».—Este é o titulo de
mais um colleguinha, que começou a ser
publicado no Amparo, e do qual rece-
bemos o n. 7.

Gratos.

«A Patria».—Recebemos pela pri-
meira vez a visita desta nossa collega
da imprensa, que se publica na capital;
como organ da Colonia Portugueza de
S. Paulo.

Gratos.

Felicitações d' A CIDADE

O nosso presado amigo dr. Graciano
de Souza Geribello, habilissimo clinico
aqui residente, teve a gentileza de
participar-nos que contractou o seu
casamento com a exma. sra. d. Agar
Alves de Araujo, filha do fallecido dr.
Virgilio Augusto de Araujo.

—O nosso amigo sr. Antonio Pereira
da Silva, socio da firma Pereira & Ruivo,
communicou nos o contracto do seu
casamento, com a exma. sra. d. Carme-
lina de Quadros.

—O nosso distincto amigo e correli-
gionario Francisco Americo de Oliveira,
actualmente residente em Campinas,
participou nos ter contractado o seu
casamento, com a exma. sra. d. Maria
Sforzim, filha do sr. Archanjo Sforzim,
residente naquella localidade.

—Na quarta-feira passada completou
mais uma risonha primavera o nosso
distincto amigo Francelliño Cintra, in-
telligente noticiarista desta folha.

—Na sexta-feira ultima, completou
mais um anno de util existencia, o rvd.
padre Luiz Yabar, da S. J.; e director
d'O Mensageiro.

—No mesmo dia tambem festejou o seu anniversario, o nosso presado amigo sr. Josino Carneiro, proprietario do Hotel do Braz.

—Passa hoje o anniversario natalicio do illustradissimo padre Justino Maria Lombardi, digno reitor do Collegio de S. Luiz, desta cidade.

Os professores e alumnos desse estabelecimento prepararam lhe sumptuosa festa, com bem organizado programma, sendo á noite levada a scena a farça em dois actos—*O cosinheiro e o secretario.*

Para essa festa recebemos delicado convite, assignado pelo revdm. padre José Giomini, ministro do Collegio, em nome dos alumnos.

Gratos.

FOLHETIM

42

HENRI CONSCIENCE
A SEPULTURA DE FERRO

TRADUZIDO DA ULTIMA EDIÇÃO

POR

C. N.

XX

Eu ia todos os dias á Academia, onde trabalhava com um afago que provavelmente contribua muito para agravar a doença e esgotar-me as forças. Felizmente até então os accessos tinham começado bastante cedo, permitindo-me um pouco de repouso e presença de espirito para a hora em que devia ir para a Academia. Por fim a minha prostração era tal e a magreza das minhas faces tão visivel, que recuava assustado todas as vezes que me chegava a um espelho.

Já me não atrevia a occultar por mais tempo a minha indisposição a meus paes, e, além d'isso sentia ardente desejo de ver minha mãe. Escrevi-lhe, em termos muito tranquillizadores, que tinha alguma febre e que no domingo seguinte não poderia ir á Bodeghem.

— tinha prometido, não tanto por causa da minha indisposição, como porque o concurso da Academia me fatigava em extremo; tranquillizei-a o mais que pude, pedindo-lhe ao mesmo tempo que fosse vêr-me no domingo a Anvers, e accrescentei que lhe ficaria muito obrigado por aquella prova de amor. Escrevi essa carta em uma sexta-feira; devia, portanto, recebê-la no sabbado ao meio dia e por conseguinte muito a tempo de preparar-se para ir á cidade no domingo.

No sabbado devia estar terminada a terceira prova do concurso. Por causa do enfraquecimento das minhas forças, tinha o serviço um pouco atrazado, e era-me preciso durante aquellas duas ultimas horas trabalhar sem descanso para acabar a terceira composição. Era o dia do accesso; isso inquietava-me, porque sabia por experiencia que depois d'elle não tinha a concepção tão aguda nem o espirito tão claro como de costume. Com grande admiração minha, não senti febre em todo o dia, e quando chegou a noite e me preparava para ir á Academia, saltei de contentamento convencido de que poderia dar a ultima de mão ao meu trabalho em toda a plenitude dos meus recursos. Mas, mal tinha despido o meu vestuario de trabalho para lavar as mãos e o rosto, um estremecimento subito me correu a espinha dorsal como um fio de agua gelada.

Era a febre, e em que occasião! Aggravado pelo susto, o accesso manifestou-se immediatamente em toda a sua força. Já sentia tremer os labios. Deixar-me-ia abater pelo mal e renunciaria ao triumpho tão ardentemente desejado? Succumbiria no momento em que a minha mão quasi se estendia a corôa de louro? Oh! não, não; era preciso continuar a lucta, ainda que

encontrasse no meu caminho a morte a empecer-me?

Desvairado como um louco, vesti-me como pude, desci a escada a correr e sahi para a rua. Era quasi noite, felizmente.

Podia, pois, furtar-me á attenção de quem passasse. Como não ficariam espantados se á luz do dia vissem um rapaz, com a pallidez da morte nas faces, com os dentes batendo uns nos outros, com as pernas vacillantes como as de um embriagado, segurando-se com as mãos tremulas ás grades das janellas, e arrastando-se ao longo das casas, como a ponto de cahir em mortal fraqueza!

Comtudo, cheguei á Academia no momento em que os demais concorrentes tomavam os seus logares de redor do modelo vivo. O meu estado inspirou-lhes profunda compaixão. Todos me cercaram e me pediram com instancia que voltasse para casa; queriam até, diziam elles, assignar todos um requerimento ao jury do concurso, para que julgasse a minha obra incompleta, como se estivesse terminada.

Fiquei extremamente penhorado com aquella prova de generosidade e verdadeira affeição, mas regeitei todos os conselhos, até os dos professoras, e assentei-me no meu logar para dar começo ao meu trabalho, apesar de mal poder segurar nas mãos o cinzel.

A vontade do homem é um poder sem limites; tantos esforços fiz sobre mim, que venci os calefrios, e apesar de estonteado e turbado, correu-me tão bem o trabalho, que estava acabado no momento em que a sineta da Academia, dando oito horas, annunciou que estava encerrado o concurso. Mas então os nervos affrouxaram-se e voltou a febre com inaudita violencia. Tudo aos meus olhos se escureceu; deitei as mãos a um banco e estive a ponto de cahir no chão sem forças.

Dois dos meus collegas tomaram-me nos braços e, acompanhados por mais cinco ou seis que me lastimavam com terna compaixão, levaram-me á casa e só me deixaram depois de me metterem na cama.

(Continúa).

Edital

CAMARA MUNICIPAL DA
VILLA DO SALTO
Imposto predial de 1901

Estando concluido o lançamento para o pagamento do imposto predial, correspondente ao corrente exercicio, avisa-se aos contribuintes que na secretaria desta Camara acha-se á disposição dos mesmos, pelo praso de trinta dias, o respectivo livro de dito lançamento, para que possam fazer as suas reclamações, se assim entenderem dever fazel-as. As reclamações serão feitas por meio de requerimento, sellado com uma estampilha de 1\$000 estadual, e dirigido á Camara para esta resolver depois de findo o praso declarado o que fór de justiça á bem dos reclamantes.

Salto, 11 de Outubro de 1901.

O Collector Municipal,
João Baptista Sampaio.

Annuncios

Melaço

De superior qualidade, encontra se na fazenda "Vassoural", de propriedade do dr. Octaviano Pereira.

Será verdade?!!

Boa chacara

Vende-se a magnifica propriedade á rua do Patrocinio n. 24 com espaçosa casa de morada, grande pomar com muitos arvoredos, todos produzindo diversas qualidades de fructos. O seu vasto quintal faz fundos para a rua de Sant'Anna e divisa com a travessa da Matriz.

Cartas e propostas a B. Machado, em S. Paulo, a rua de S. Bento n. 46. A chave está na mesma casa com Clemente Jordão.

Atenção!!...

Estando proximo o dia de Finados, o pintor Benjamin, residente á rua da Palma, n. 5, encarrega-se por modico preço, de concertar tumulos, cruces de madeira, ferro ou marmore; pintar grandes dos tumulos, cruces, lettreiros, etc.; para o que pôde ser procurado á rua e numero acima; garantindo perfeição no trabalho.

RUA DA PALMA, N. 5
Benjamin Pintor.

Boa Fabrica de Sabão
Bairro Alto-Ytú

O abaixo assignado communica ao commercio e ao publico desta Cidade e seu municipio que estabeleceu uma fabrica de sabão denominado—**Sabão de Cinza.**

O sabão, que o mesmo fabrica, é de preferencia a outro qualquer; pois, faz concorrência ao fabricado mesmo em Pelotas, Rio de Janeiro, São Paulo e outras localidades do interior do Estado, não só pela commodidade do preço como pela grande economia no gasto; pois que, com a quantidade de 100 grammas, poderá lavar uma duzia de roupas, por mais encardidas que estejam, e deixa-as completamente limpas.

Tem mais a propriedade de lavar se com elle qualquer fazenda, por mais fina que seja, sem a descorár, e extrahé completamente qualquer mancha ou nodoa. Acha-se, portanto, á disposição de quem lhe queira honrar com a sua freguezia, e fornece uma amostra á quem a queira experimentar.

Troca-se sabão por torresmo

Preços correntes a Dinheiro

De 1 até 4 arrobas a 7\$000

De 5 arrobas para cima a 6\$000

N. B. Este sabão é fabricado em barras; e cada arroba tem 8 barras e meia.

João José de Andrade

GRANDE HOTEL

PIRASSUNUNGA

MONTADO A 17 DE NOVEMBRO
DE 1869

O proprietario deste bem montado e conhecido estabelecimento continúa a estar a disposição dos seus numerosos amigos e freguezes, e avisa aos mesmos que desta data em diante resolveu fazer uma redução de um mil réis nas diarias e dar banhos quentes e frios gratuitamente.

Accelita pensionistas a rasão de 50\$000 por mez, fornecimento para fóra do hotel 60\$000 por pessoa, sendo mais de duas, a 50\$000.

A comida deste hotel é bem conhecida nesta cidade. Os srs. fazendeiros e mais freguezes, desta mesma data em diante pagarão: almoço 2\$000, jantar 2\$000

O abaixo assignado espera merecer a mesma confiança que até hoje tem merecido, tanto do commercio desta cidade como de seus freguezes de todos os Estados.

Pirassununga, 4 de Agosto de 1901.

O PROPRIETARIO

Francisco Lopes da Veiga

Atenção Publica

GRANDE NOVIDADE

Sociedade Cooperativa

Organizada pela Alfaiataria, AO CHIC DA MODA, de Nicolino di Pietro.

Rua do Commercio, n. 100

A Cooperativa organizada nesta cidade pela Alfaiataria AO CHIC DA MODA, de Nicolino di Pietro, á rua do Commercio, tem o unico fim de proporcionar a todos os moços e paes de familias, a facilidade de obterem um terno de casemira a escolher mediante a pequena entrada de 5\$000 réis por semana.

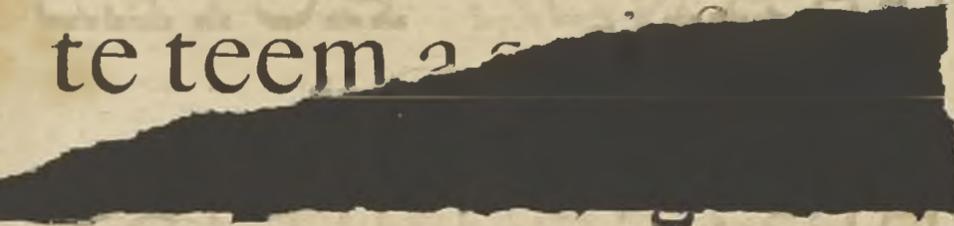
As pessoas que desejarem entrar para a Cooperativa, dirija-se á rua do Commercio n. 100, que lhes será apresentado o regulamento.

Nicolino di Pietro.

LOJA DO VALENTE

LARGO DO JARDIM

Importante estabelecimento de fazendas, armarinho, roupas, calçados, chapéus de sol, artigos de fantazia, etc, etc.

Os proprietarios da Loja do Valente teem a honra de communicar a sua
 que estão recebendo, e está em viagem um grandioso sortimento de :

Fazendas novas que serão vendidas por preços baratissimos, nunca vistos nesta cidade.

As Exmas. Familias visitando este estabelecimento terão occasião de verificar a realidade desta communicação e que a loja do Valente não faz reclames com o fim de attrahir freguezia pois é já conceituada como o unico estabelecimento no genero, nesta praça, que vende fazendas boas e modernas por preços sem competencia.

FERREIRA DIAS & COMP.

✠ LARGO DO JARDIM ✠

YTU'